

EDITORIAL

Ainda ressoam fortes os ecos das vozes de Harvey Cox: secularização é um "acontecimento basicamente liberatório", "implica um processo histórico, quase que certamente irreversível, no qual a sociedade e a cultura são libertadas da tutela do controle religioso e das concepções rígidas da metafísica"(1), bem como de todo fatalismo e das concepções fechadas do mundo (2); o **pragmatismo**, a utilidade, a funcionalidade e eficiência (3), juntamente com a **profanidade**, isto é, o "horizonte completamente terrestre do homem", "o desaparecimento de qualquer realidade supramundana a definir a vida do homem", a redução do significado de todas as coisas ao intramundano (4), são o estilo de vida do mundo secular, o critério dos valores e do agir humano na tecnópolis. Com a secularização o homem chegou à sua plena maturidade.

A secularização ao lado de uma libertação real de imagens falsas de Deus, de práticas religiosas supersticiosas, ao lado do estímulo para o homem assumir a sua história responsabilmente, levou a muitos a jogar fora valores profundamente humanos e herdados também da revelação bíblica, como p. ex.: a prática sábia da religião, o relacio-

1. HARVEY COX, *A cidade do homem*, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1968 p. 31.
2. Idem, cf. pp. 12ss.
3. Idem, cf. pp. 74-82.
4. Idem, p. 74.

namento sadio a Deus, o sentido transhistórico e ultraterreno da vida humana, "libertação" desastrosa e triste apregoada pelos arautos da secularização.

O movimento sempre crescente de jovens hippies, de grupos pneumáticos, carismáticos e pentecostais, a reflexão sobre a experiência e tradição humana e cristã, e o próprio bom senso levaram a Cox a **libertar-se** dos exageros de sua tão decantada "libertação", pragmatismo e profanidade. Sem negar os aspectos positivos da secularização Cox acentua hoje a necessidade e o valor do "não pragmático", do "não útil", do "não eficiente", do "não praxis", isto é da "festa", do "amor", da "contemplação", do "relacionamento a Deus", da "religião", do sentido "ultraterreno" das coisas (5). Citemos apenas: "a festa, como o jogo, a contemplação e o amor, é um fim em si, não é um meio"; se "o mundo é importante, ele não é a importância última" (6). "A celebração nos relembra que existe um aspecto de nossa existência que não é absorvido na atividade que faz a história, e que conseqüentemente a história não é o horizonte único e último da vida" (7). Reconhece a importância da celebração litúrgica e da religião: esta "não pertence tanto... ao reino da necessidade... mas ao reino da liberdade; realmente ela é então jogo da recordação, expressão da alegria, e antecipação na esperança da humanidade originária e definitiva diante de Deus" (8).

Este fato é sintomático. Ensina-nos como o querer assumir indiscriminadamente os assim ditos valores correntes na sociedade, procurando mostrar

5. HARVEY COX, *La fête des fous*. Essai théologique sur les notions de fête et fantasie. Du Seuil, Paris, 1971 (original 1969).

6. Idem, p. 180.

7. Idem, p. 62.

8. Idem, p. 62.

que são valores profundamente bíblicos e querendo reduzir a estes valores toda mensagem bíblica (como o fez Cox em seu livro sobre a secularização), é um exagero e não passa de um entusiasmo infantil e de uma autêntica absolutização de um sistema. Este fato mostra-nos como uma luz, talvez até então muito encoberta, pode por sua vez ofuscar, encobrir valores autênticos; mostra-nos como não se pode pura e simplesmente negar o passado, reinterpretá-lo unicamente a partir da realidade atual e futura; mostra-nos que planejar o futuro e reestruturar o presente sem tomar em conta o passado, suas limitações e falhas, mas também seus valores positivos, é negar a historicidade do homem, é negar o próprio homem.

Todos sabem por experiência como a ânsia de "libertação" se enraíza profundamente no ser humano. Em todas as épocas da história ela foi uma reivindicação dos homens. De forma especial, por diversos motivos, manifesta-se esta ânsia em nossos tempos. O livro de Cox, *A cidade do homem*, não é uma reflexão de gabinete, é um espelho da realidade vivida por indivíduos, casais, famílias, sacerdotes, institutos religiosos, pela sociedade. Há tantos fatores a influir no homem, provindos quer da interioridade do indivíduo (a própria constituição psico-física, o ego, o super-ego, o consciente, o subconsciente, o inconsciente; complexos, traumas, neuroses. . .), quer da realidade que o circunda (formalismos, tradições, estruturas, leis. . .), a ponto de se ter a impressão de que impedem o exercício de sua personalidade livre. A libertação surge como bandeira e necessidade de salvação e realização da própria personalidade.

Cristo anuncia e traz aos homens a verdadeira libertação, a liberdade dos filhos de Deus. Assim como em nome de Cristo pode-se chegar a escravizar a si e a outros, da mesma forma em

nome da libertação de Cristo pode-se chegar a "livrar" a si e a outros de Cristo. Tanto no campo individual, como no matrimonial, familiar e comunitário pode haver e há falsas interpretações de "libertação", pode haver e há exageradas negações, em nome da "libertação" e da "autorealização", de realidades profundamente humanas e evangélicas, pode haver e há pressão, por parte de indivíduos, grupos e sociedade, para que os cristãos abandonem valores evangélicos, em nome de uma aparente mas falsa libertação. Que o exemplo de Cox sirva de advertência e possa ajudar a muitos a evitar a desintegração da própria personalidade, do lar e da sociedade.

O indivíduo, o casal, a família, a sociedade têm inscritos em seu ser um sentido. São chamados a viver e realizá-lo historicamente, isto é, no dia a dia de suas vidas, em meio aos sucessos e fracassos, na procura de um contínuo crescimento. Ao cristão, ao casal e família cristã, como à toda comunidade do povo de Deus, é assinalada uma missão bem específica, a ser vivida na realidade concreta de suas vidas: ser, "em Cristo, como um sacramento ou sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo gênero humano" (LG 1), união sempre tão frágil e ameaçada por parte dos homens, mas indefectível e eterna por parte de Deus, e por isto mesmo possível de ser vivida pelos homens nas mais diversas dimensões. Libertar-se para esta missão e não "libertar-se" dela, eis a sua vocação. Como vivê-la a partir de uma decisão responsável, tomada por uma consciência bem formada, situada na realidade atual e iluminada pela luz do Evangelho? Os artigos que seguem desejam, de alguma forma, contribuir nesta linha.